

UM COMEÇO, UM LUGAR E UMA SEÇÃO: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO ESTAÇÃO PSICANÁLISE EM CAMPINAS

Ana Claudia Ubinha FATTORI¹

Lucas PALMA²

Marta Togni FERREIRA³

Lauro José Siqueira BALDINI⁴

Resumo

Abordamos a constituição do coletivo Estação Psicanálise em Campinas e as consequências da prática analítica que procura problematizar a presença do psicanalista na cidade. Destacamos a importância da escuta psicanalítica na rua e, a partir da escolha de um lugar na cidade de Campinas (a Estação Cultura), construímos uma prática política em movimento, que se desloca a partir das questões colocadas pela cidade à psicanálise. Com este artigo, seguimos uma elaboração através da escrita coletiva de parte das questões que essa experiência político-social coloca à prática analítica. Destacamos a questão dos laços transferenciais e a aposta na construção dos casos clínicos, a partir das particularidades de como se constitui a prática de escuta em questão. Nessa direção, nossa abordagem visa a inscrição e tratamento do sofrimento em um contexto marcado pela violência cotidiana, sustentando o dispositivo de uma seção clínica que questiona como se constrói um caso coletivamente - ou um caso em coletivo. Por fim, indicamos como nossa prática implica uma abordagem aberta à inovação e comprometida com a transformação social na e com a psicanálise.

1

Palavras-chave: Coletivos de Psicanálise; Clínica; Política; Transferência; Ética.

A BEGINNING, A PLACE AND A SECTION: THE CONSTITUTION OF THE COLETIVO ESTAÇÃO PSICANÁLISE IN CAMPINAS

Abstract

We address the constitution of the Estação Psicanálise collective in Campinas and the consequences of an analytical practice that seeks to problematize the psychoanalyst's presence in the city. We highlight

¹ Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Psicologia, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: anafattori@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2443-4693>

² Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Brasil. E-mail: psicolucaspalma@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7471-707X>

³ Coletivo Estação Psicanálise de Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: martatferreira@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3920-9525>

⁴ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Brasil. E-mail: ljsbaldini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0915-9811>

the importance of psychoanalytic listening in the street and, from the choice of a place in the city of Campinas (the Estação Cultura), we build a political practice in movement that is transformed from the questions posed by the city to psychoanalysis. With this article, we try to elaborate through collective writing some of the questions that this social-political experience poses to analytical practice. We highlight the issue of transference ties and the commitment to building clinical cases, based on the particularities of how the practice of listening in question is constituted. In this direction, our approach aims to register and treat suffering in a context marked by everyday violence, supporting the device of a clinical section that questions how a case is built collectively - or a collective case. Finally, we indicate how our practice implies an approach that is open to innovation and committed to social transformation in and with psychoanalysis.

Keywords: *Psychoanalysis Collectives; Clinic; Politics; Transference; Ethics.*

UN COMIENZO, UN LUGAR Y UNA SECCIÓN: LA CONSTITUCIÓN DEL COLETIVO ESTAÇÃO PSICANÁLISE EN CAMPINAS

Resumen

Abordamos la constitución del colectivo Estação Psicanálise en Campinas y las consecuencias de la práctica analítica que busca problematizar la presencia del psicoanalista en la ciudad. Destacamos la importancia de la escucha psicoanalítica en la calle y, a partir de la elección de un lugar en la ciudad de Campinas (la Estação Cultura), construimos una práctica política en movimiento, que se desplaza a partir de las cuestiones planteadas por la ciudad al psicoanálisis. Con este artículo, pretendemos elaborar, a través de la escritura colectiva, algunas de las cuestiones que esta experiencia sociopolítica plantea a la práctica analítica. Enfatizamos la cuestión de los lazos transferenciales y el compromiso con la construcción de casos clínicos, a partir de las particularidades de cómo se constituye la práctica de escucha en cuestión. En este sentido, nuestro abordaje apunta a registrar y tratar el sufrimiento en un contexto marcado por la violencia cotidiana, apoyando el dispositivo de una sección clínica que cuestiona cómo se construye colectivamente un caso - o un caso colectivo. Por último, indicamos cómo nuestra práctica implica un enfoque abierto a la innovación y comprometido con la transformación social en y con el psicoanálisis.

Palabras-clave: *Psicoanálisis Colectivo; Clínica; Política; Transferencia; Ética.*

Um nome e um começo

a cidade nos convoca

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto, *Tecendo a manhã*, 1966

Assim como nos transmite o poema de João Cabral de Melo Neto, a polifonia das vozes dos coletivos vem compondo uma nova sinfonia psicanalítica brasileira pela intervenção na teoria e na práxis psicanalítica, ancorada por um lado na ética da psicanálise tal como enunciada por Freud e Lacan, e por outro, movida pela repetição histórica da nossa catástrofe civilizatória. A psicanálise não poderia se recusar a dar conta dos efeitos subjetivos do nosso tempo histórico em que o neoliberalismo selvagem produz a-sujeitos descartáveis. A psicanálise se interessa pelo resto, por aquilo que não cabe em uma lógica totalizante ou totalitária.

Temos um nome para nosso fazer: *uma prática clínico-política*⁵. Incluir explicitamente a política em nossa clínica implica em uma aposta nas organizações coletivas, nas singularidades dos analistas, na possibilidade de uma intervenção na práxis e no questionamento das teorias estabelecidas. Esta polifonia dos coletivos desafia a ideia de que haveria A psicanálise, A Verdadeira, retomando a ideia histórica de uma criação coletiva, pautada pela inclusão, sempre difícil e conflituosa, de singularidades e diferenças.

Em setembro de 1918, em uma Europa varrida pela destruição após a I Guerra Mundial, Freud apresenta uma conferência no V Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Budapeste. Trata-se de *Caminhos da Terapia Psicanalítica* (Freud, 1919/2010). Ali, ele retoma alguns princípios da psicanálise e exorta os psicanalistas a se comprometerem com a criação de clínicas públicas para atendimento psicanalítico gratuito extensivo à população carente, como parte das políticas públicas de saúde mental. Freud está bem avisado das resistências da medicina à psicanálise, e aposta na articulação das clínicas públicas de psicanálise ao aparato oficial da saúde mental, o que de fato aconteceu em muitos lugares, inclusive no Brasil. Estas clínicas deveriam também ser, e foram, lugares de formação de

⁵ A esse respeito, cf. Rosa, Berta, Carignato & Alencar (2009).

psicanalistas oriundos de camadas menos favorecidas econômica e socialmente, que contavam ali com análise e supervisão gratuitas. No período entre guerras foram criadas mais de 20 destas clínicas públicas pela Europa, tendo como expoente a Policlínica de Berlim, a qual teve um fim melancólico com a ascensão dos nazistas ao poder.

A IPA (Associação Internacional de Psicanálise) contava com analistas que aderiram ao nazismo e com um grupo expressivo de analistas judeus, sendo alguns destes militantes comunistas. Este grupo estava claramente em perigo naquele momento, tanto por serem judeus como por serem ativistas. Nesta situação gravíssima, a saída encontrada pela IPA foi celebrar um acordo em que, basicamente, a Policlínica seria entregue ao controle de médicos alemães nazistas, mas os analistas judeus poderiam emigrar e deixar a Alemanha em relativa segurança. Este acordo foi celebrado e assinado pelo próprio Freud, diante da impossibilidade de prosseguir com o projeto original. Alguns países, como Estados Unidos, Inglaterra e Argentina acolheram vários psicanalistas que contribuíram para a disseminação e desenvolvimento da psicanálise em seu território.

A Sociedade Psicanalítica de Viena foi dissolvida, conforme consta na ata de sua última reunião, em 20 de março de 1938, e entregue à Sociedade Alemã de Psicanálise como depositária⁶. O próprio Freud deixaria Viena logo depois e emigraria para a Inglaterra, onde veio a falecer.

Após um século da conferência de Freud, em 2018, aqui no Brasil, nos vimos diante da ascensão ao poder de um governo de extrema-direita, com maciço apoio popular a um candidato que portava como bandeira o a-sujeitamento⁷ dos corpos pela miséria, pela fome e pela doença com a exclusão de amplas parcelas deste mesmo povo da categoria do humano. Esta exclusão, constituída e explicitada em palavras e gestos, às vezes mais, às vezes menos oficiais, apenas preparou os genocídios que se seguiram durante a epidemia de COVID-19 e os genocídios de populações indígenas, agora reconhecidos. Uma pergunta se impôs naquele momento àqueles que se dedicavam ao ensino e à transmissão da psicanálise em uma instituição voltada à formação de psicanalistas: como nos posicionarmos frente a isso?

O a-sujeitamento voluntário e a convivência com a destruição da vida, a adesão das massas à política da morte são temas que interessam de perto aos psicanalistas. O fascismo não é apenas um sistema econômico e político, ele molda subjetividades e maneiras de estar no mundo e, conseqüentemente, cria formas específicas de sofrimento psíquico, de sintomas e inibições que encontramos diariamente em nossa clínica.

Se, como nos ensina Lacan, o psicanalista deveria estar à altura de “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (1966/1998a, p. 322), a urgência deveria nos

⁶ Esta ata está traduzida e publicada em Oliveira (2022).

⁷ Não confundir com o conceito de assujeitamento em Althusser, por exemplo. Aqui nos referimos tão-somente a uma prática de governabilidade que implica em produzir não-sujeitos, restos de subjetividade.

convocar a criar dispositivos de escuta e métodos de organização que permitissem abordar, pelas bordas, estes sujeitos produzidos neste momento histórico.

Historicamente, a psicanálise oficial brasileira se aliou ao pior, embora suas instituições tenham contado com analistas progressistas e de esquerda, que despontaram como exceções em seus quadros. Podemos citar, entre outros, Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas e Helena Besserman Viana (que denunciou o torturador Amílcar Lobo em um rumoroso episódio). Está bem estabelecida a história da convivência de instituições da psicanálise oficial brasileira com os ditadores militares em sua política de corrupção e tortura, bem como de apagamento da memória da violência, com as consequências que este apagamento provocou (Kupermann, 2014; Lima, 2021).

Sempre houve uma parcela importante de psicanalistas, muitos deles apagados da história oficial da psicanálise eurocêntrica e da brasileira, que encontrou formas de resistência ao horror e criou dispositivos de escuta psicanalítica nos lugares mais impensáveis: campos de trabalho forçado, manicômios, prisões⁸. A instituição de uma prática psicanalítica na rua, em coletivo, deveria também interrogar a própria psicanálise, tornada burocrática e encarcerada em seus dogmas e seus “condomínios” teóricos. O “mito forjado” da neutralidade do analista impediu durante muito tempo os progressos das práticas e o avanço das teorias psicanalíticas. Há uma diferença muito grande entre a abstinência exigida do analista em sua prática e a omissão diante dos problemas da Pólis.

Os dispositivos⁹ têm por função resolver, tratar e encaminhar situações de urgência. Assim foi criado nosso dispositivo de escuta psicanalítica na rua. Foi decidido no intenso agora, no instante de ver e agir, sem ainda compreender muito bem, mas sabendo a direção de nossa ação. Uma premissa: há psicanalistas. Nossa experiência está sendo retomada, interrogada, revirada no só-depois.

Entre 2019 e 2020, a Unicamp sediou o I, o II e o III Encontro de Psicanálise em Espaços Públicos¹⁰. Ainda em 2019, também na Unicamp, houve um cine-debate com Tales Ab'Sáber (Unifesp) a partir da exibição de seu filme “Intervenção: o amor não quer dizer grande coisa”. Também em 2019, o evento “Políticas da Psicanálise: quando os psicanalistas se encontram,

⁸ Para citar alguns casos: Virgínia Leone Bicudo (retomada recentemente), Jurandir Freire Costa, Enrique Pichon Rivière e José Bleger.

⁹ Os dispositivos se referem a uma série de práticas e mecanismos que têm por objetivo fazer frente a uma urgência e obter um efeito. A captura dos corpos pelo dispositivo da linguagem em variados meios e a generalização de seu uso pelo poder para produzir subjetividades e modos de sofrimento e tratamento deste na contemporaneidade deveria interessar muito de perto ao psicanalista. Cf. Agamben (2005).

¹⁰ É importante ressaltar que esses três encontros mobilizaram fortemente a comunidade psicanalítica regional. A primeira edição teve como parceiros a Associação Campinense de Psicanálise, a Tykhe Associação de Psicanálise, o Instituto de Psicanálise Associação Livre, além de entidades universitárias. Na última edição, uma das mesas colocou em diálogo os coletivos Casa do Povo, Praça Roosevelt, Psicanálise na Praça, Vila Itororó, Espaço Psicanálise, Margens Clínicas e o próprio coletivo Estação Psicanálise.

o que acontece?” reuniu boa parte da comunidade local de psicanalistas. No mesmo período, na Tykhe Associação de Psicanálise, Marta Ferreira e Daniel Mondoni sustentavam um grupo de estudos intitulado “Psicanálise na Pólis”. Na Unicamp, Lauro Baldini coordenava um grupo que propunha uma intervenção na mesma direção, ou seja, pensar as relações entre cidade e psicanálise.

Foi nessa efervescência e a partir da dissolução dos dois grupos citados que surgiu o coletivo Estação Psicanálise de Campinas. Iniciamos nossos atendimentos psicanalíticos na Estação Cultura, uma antiga estação de trens desativada, na região central da cidade, em 07 de setembro de 2019. Essa estação de trens é um marco histórico da cidade. Seu estado de abandono e o sucateamento de suas instalações nos lembram a política deliberada de apagamento da história de nosso povo e de sua memória, da destruição dos marcos e símbolos que também constituem nossa subjetividade e demarcam nosso lugar no mundo. A presença de nossos corpos neste local, os atendimentos realizados nas cadeiras espalhadas pela plataforma da Estação transformam este local de passagem, desvalorizado, em um ponto de encontro.

Ali, afetos e palavras se cruzam, se chocam, circulam entre analistas e analisantes e entre os integrantes do coletivo, criando laços transferenciais, transferência de trabalho no coletivo e uma possibilidade de inscrição e tratamento do sofrimento para aqueles que nos endereçam suas demandas. Nossa presença produz um estranhamento, produz interrogações, introduz um corte no espaço e no tempo do cotidiano banalizado dos passantes. Atendemos a qualquer pessoa que nos solicite, não há pagamento em dinheiro nem qualquer tipo de exigência burocrática. Aos sábados pela manhã nossas cadeiras se espalham em duplas pela plataforma da Estação Cultura, muitas vezes ao lado de feiras, apresentações artísticas e o burburinho da cidade.

A data de início de nossos atendimentos foi escolhida também por seu caráter simbólico: a comemoração de nossa independência malograda enquanto nação, e os séculos de políticas de assujeitamento dos corpos que resultaram em traumas transgeracionais sempre atualizados pela violência do cotidiano. Nossa escuta não pode ser insensível à dimensão do sofrimento psíquico que extrapola os conflitos da família nuclear e do individual.

A criação deste coletivo se insere em um amplo movimento de “coletivos”, muito diversos em suas finalidades e seus métodos, propondo uma práxis e uma reflexão renovadas na psicanálise brasileira, que não desconhecem as condições sócio-políticas que atravessam a clínica. Se o inconsciente é o discurso do Outro, há que se considerar que há políticas de linguagem que tanto podem ser subjetivantes como dessubjetivantes, criando a-sujeitos cujos corpos serão moídos pela máquina de reprodução das desigualdades.

Um nome e um lugar

práxis de uma ética - do amor de transferência à ética do desejo

Após cinco anos desse trabalho *em coletivo* tentamos, através da escrita, transformar algo das vivências em experiência. Nesse exercício de escrita, também coletiva, surgem alguns significantes a destacar: *psicanálise, transeuntes, transferência, cidade, analistas, rua, escuta, sujeito, palavra, ética, circulação, Estação, inconsciente e sonho*. Palavras que se repetem ao longo do diálogo e (re)construção constante que esse trabalho exige. Portanto, parece necessário situar que essa escrita é um material em transformação. Escrita inacabada que objetiva contar a *estória* do Estação Psicanálise e articular, conforme possível, algumas referências teóricas em que encontramos ressonâncias a partir da prática que acontece na Estação, e entre os analistas que compõem o coletivo.

Afirmamos que o coletivo é composto por diferentes pessoas, com diferentes percursos de formação e diferentes orientações teóricas que norteiam a construção de seu percurso. Quando falamos em formação, falamos de *formação de analista*, mas em um sentido amplo falamos do trabalho, das práticas, e do arcabouço teórico com o qual cada integrante compõe seu percurso. Nesse artigo localizamos a proposta norteadora dessa prática clínica – a circulação da palavra – como orientada pela hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem (Lacan, 1985, p. 142). Portanto, nesse momento, apresentamos articulações teóricas provisórias, consequentes com o fato de a práxis proposta pelo coletivo estar em constante (re)construção e sustentar a técnica fundamental da psicanálise, a associação livre.

Ao testemunhar o movimento do corpo de analistas que se formou a partir do coletivo - sempre atravessado pelos *arranjos* imaginários, simbólicos e suas contingências a partir das *formações* de cada um – consideramos possível articular a prática do coletivo Estação Psicanálise à noção de práxis de uma ética¹¹. Não se forma uma unidade - um suposto *ser analista*, nem mesmo um grupo com um único objetivo em comum. A partir de um nome, da ocupação de um lugar e da aposta na circulação da palavra, fazemos uma marca na cidade, via a prática de escuta analítica. Movimento que interroga o analista e sua formação - a aposta constante em uma *função* a partir de uma posição de destituição subjetiva¹².

¹¹ Seguimos as elaborações de Jacques Lacan em seu *Seminário 7*, nomeado *A ética da psicanálise*. Além de desenvolvimentos que aparecem no *Seminário 11*, nomeado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e no Ato de fundação de sua Escola. Todos referenciados neste trabalho. Nas palavras do psicanalista: “O que é práxis? Parece-me duvidoso que este termo possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário” (Lacan, 1973/1985, p. 14).

¹² Consideramos que quando o analista se movimenta para a cidade - aqueles que compõem o campo psicanalítico através da aposta na experiência analítica enquanto prática de formação - algo se desloca no campo

A prática

Inspirados pelo surgimento de diversas iniciativas das chamadas “clínicas públicas” - e de como essas iniciativas mobilizaram a radicalidade da escuta analítica num “movimento de socialização da psicanálise e de discussão clínica e teórica das suas bases mercantilizadas” (Ab’Saber, 2021)¹³ – escolhemos um lugar na cidade que tivesse condições mínimas de acolher os analistas e os atendimentos. Lugar que renomeia o coletivo, um momento que consideramos de fundação ao sintetizar duas apostas: que o que faz coletivo no nosso caso é a prática que construímos – onde está envolvido o desejo de cada analista – e não um vínculo institucional específico ou uma forma de existência jurídica; e a segunda, a aposta no que se apresenta a partir do lugar onde se desenvolve essa mesma prática - a Estação Cultura – como questões à psicanálise e sua teoria.

Diante da realidade da cidade de Campinas – de grande expressão econômica, educacional, tecnológica e política, ao mesmo tempo permeada por imensas desigualdades - o local escolhido foi a Estação Cultura¹⁴, uma antiga estação de trens desativada. A escolha do lugar também faz parte da nomeação do coletivo, um ponto de passagem e circulação de pessoas rumo ao centro da cidade ou aos bairros do entorno, além de um espaço onde acontecem diferentes atividades culturais. A característica de ser um local de *passagem* marca um encontro com a aposta do coletivo na circulação da palavra. Ocupamos com nossas cadeiras de plástico um lugar na plataforma da antiga Estação, aos sábados, entre nove da manhã e meio-dia. Os atendimentos são feitos por ordem de chegada, através do acolhimento feito por um dos analistas que coleta alguns dados e conversa com as pessoas que por ali passam. Muitas das sessões surgem a partir da curiosidade sobre nossa presença no local e ao longo do tempo entendemos a importância do acolhimento inicial, antes dos atendimentos que são primordialmente individuais. Os analistas trabalham em rotatividade, através de uma escala que forma pequenos grupos que se alternam aos sábados. O atendimento é feito ao “ar livre” e muitas das sessões são *atravessadas* por barulhos, cheiros e pelos transeuntes do

8

a partir das questões colocadas à psicanálise pelos territórios onde opera a escuta analítica. Questões que interpelam o campo e as hegemonias e segregações vigentes desde o laço social, que muitas vezes são corroboradas na (re)produção e transmissão da psicanálise.

¹³ Pelo diálogo que ocorreu em diferentes momentos e, também, por nossa localização geográfica, duas referências nos são essenciais: a Clínica Aberta de Psicanálise da Casa do Povo e o Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt. Além delas vemos diferentes movimentos coletivos que se originam desde a práxis psicanalítica em diferentes contextos e de diferentes formas pelo Brasil. *Estórias* que vêm sendo construídas e contadas aos poucos.

¹⁴ Marco na cidade, a Estação foi inaugurada em 1884 e manteve viagens até o ano de 2001. Atualmente é administrada pelo poder municipal, e ocupada por outras iniciativas coletivas, que ali resistem à especulação imobiliária. A prática clínica na Estação foi marcada por uma interrupção em 2020, em consequência da epidemia de COVID-19, e após um período de atendimentos online, retornamos ao presencial em abril de 2022.

Fattori, A. C. U., Palma, L., Ferreira, M. T., & Baldini, L. J. S. (2024). Um começo, um lugar e uma seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p07.

local. Atravessamentos que não impedem a fala e a escuta, e que são recolhidos e pensados a partir de cada caso.

Dessa forma, as táticas envolvidas para construção de um trabalho *em coletivo*, necessitam ser (re)construídas constantemente¹⁵. A ocupação em determinado local da cidade evoca questões à prática e à teoria estabelecida, ao mesmo tempo que desde o campo psicanalítico são questionados os trabalhos das chamadas “clínicas de borda”¹⁶. Desde o contexto da prática do coletivo Estação Psicanálise, pudemos elaborar diversas questões, das quais destacamos: Como pode se dar a experiência analítica, *em coletivo*, na cidade? A partir da particularidade de cada integrante – os *restos amorosos* e transferenciais que se articulam singularmente – é possível uma experiência *em coletivo* que se sustente pela diferença? Como fazer o tratamento dos manejos da transferência em um contexto de rotatividade de analistas? Quais novos desafios a rotatividade dos analistas traz à questão da transferência e seu manejo? Qual a dimensão do *público* no trabalho *em coletivo* a partir da escuta analítica na cidade? O que significa construir um caso clínico? A construção do caso clínico constitui um coletivo de analistas?

Evocando essas questões e sem a intenção de esgotá-las, consideramos necessário se situar na cena - estar atento às *estórias*, às relações com o poder e com o saber, dentro e fora do campo psicanalítico – a fim de promovermos uma prática que não corrobora a instrumentalização do sofrimento psíquico, através do uso do poder conferido à figura do analista. No contexto brasileiro seria oportuno rever – em paralelo a história oficial do desenvolvimento da psicanálise – os meandros e suas margens, a fim de um raciocínio das imbricações do campo psicanalítico com o cenário de desenvolvimento de uma sociedade

9

¹⁵ Atualmente, além da prática de escuta aos sábados, contamos com a periodicidade para uma reunião deliberativa que sustenta a manutenção do trabalho e com um encontro presencial mensal, dedicado ao dispositivo da *seção clínica*, aos moldes da proposta lacaniana (Lacan, 1977/1992). Formato que abordaremos mais à frente e que permite promover desde 2022, a construção dos casos clínicos a partir das escutas daqueles que retornam regularmente aos atendimentos.

¹⁶ Desde que os trabalhos com a experiência analítica saem do contexto do *setting clássico* - o que é necessário enfatizar que não é algo novo no Brasil nem no mundo - foram evocados muitos questionamentos, sendo que o principal anunciava: “isso não é psicanálise”. A principal questão, extremamente valorosa para o trabalho, se localiza sobre como se dá a transferência e seu manejo, temas que Freud (1912) nomeia como “quase inesgotáveis”. Questão que é trabalhada constantemente na construção do caso do coletivo Estação Psicanálise, e sobre a qual ousamos algumas articulações teóricas neste escrito. A expressão “clínicas de borda” surgiu em 2022 através de um projeto do Núcleo PSILACS (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo) em parceria com a n-1 Edições, que reuniu 22 coletivos brasileiros em uma campanha de publicação de zines, relatando a experiência de cada um deles. A publicação em formato de fanzines visa recolher e trazer a um público mais amplo o panorama plural das práticas analíticas que se criam por todo o território brasileiro. Reiteramos que em nenhum momento, a psicanálise se encerrou na poltrona do consultório ou ainda em departamentos acadêmicos. As iniciativas atuais são fruto – ainda que em diferentes formatos - da atuação de psicanalistas e outros trabalhadores implicados com as dimensões do sofrimento psíquico e sua instrumentalização. Especialmente na luta e trabalhos desenvolvidos no âmbito das políticas de saúde mental e da saúde coletiva, além de outros trabalhos de grupos independentes ou ligados às instituições psicanalíticas.

racista – através de uma democracia precária - ao mesmo tempo atravessada por experiências críticas, de resistência e com potencial emancipatório¹⁷.

Desse modo, desde a experiência de um trabalho *em coletivo* no Estação Psicanálise, consideramos que os processos transferenciais entre os integrantes do grupo - as transferências *em trabalho* - bem como o trabalho e manejo da transferência com os *passageiros*, constituem a sustentação de uma prática clínica e crítica, que aposta na circulação da palavra, no trabalho com os significantes, enquanto uma prática política ao pressupor que há efeito das formações inconscientes na cidade¹⁸.

Arcabouço teórico onde encontramos algumas ressonâncias

Na década de 1960, Lacan retoma o tema da transferência e inicia seu seminário daquele ano dizendo que irá tratá-lo a partir de sua “disparidade subjetiva, sua pretensa situação, suas excursões técnicas” (Lacan, 1991/1992, p. 11). Era necessário retificar o que se apresentavam como técnicas, a fim de “(...) *qualificar o que a transferência contém de essencialmente ímpar*” (p. 11)¹⁹. Lacan avança o tema da transferência também pela via do *amor* e para isso escolhe a referência do diálogo platônico *O Banquete* - o que situou sua transmissão da psicanálise e a noção de *desejo de analista*²⁰.

¹⁷ Conforme Rivera (2019) – na contramão da história como narrativa hegemônica, se fazem necessárias as narrativas plurais, fragmentadas, dando lugar ao que falha dessa história, assim como se dá lugar na clínica às formações inconscientes. Além disso, a noção de que cada um dos que compõem essa cena atualizam as condições de sustentação do discurso e da ética psicanalítica. Nesse sentido, consideramos que escrever algo a respeito da experiência em coletivo, compõe um empenho de promover a prática analítica como uma práxis que desenvolve seu saber teórico, através do que as cenas de escuta analítica – e sua contingência – colocam questões à psicanálise. Dunker (2019) aponta que a mistura entre o caráter precário da democracia brasileira e uma inserção *não-toda* nas ciências médicas fez com o que o Brasil fosse terreno fértil para a psicanálise, justamente por esse caráter conflituoso: “De certa maneira, compreender a disseminação e o relativo sucesso da psicanálise no Brasil é entender o caráter cronicamente reversivo de nossa modernização. É entender como nosso patriarcalismo patrimonialista e como nosso racismo de classe conseguem compor-se com experiências modernizantes e contrassegregatórias. (...) Essa combinação de atrasos e reações, de sincretismo cultural e déficit de institucionalização, parece ter confluído para nossa curiosa posição de excepcionalidade quando consideramos o cenário mundial de hoje” (p. 20).

¹⁸ No contexto de nosso trabalho, consideramos como questionamento a alguns dos pressupostos da psicanálise, fazer a oferta dos atendimentos sem custo monetário, em uma cena pública da cidade. O que pressupõe colocar em questão alguns pontos, dos quais podemos citar: o lugar social da figura do psicanalista, o lugar da psicanálise como uma das práticas de tratamento do sofrimento, a operação do analista como operação de uma função, o pagamento dos atendimentos, o dinheiro, e primordialmente as condições de acesso a um percurso de *formação de analista*. Nesse contexto, conforme já mencionado, o norteador é a proposta do trabalho com os significantes, através da técnica da associação livre e da hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem.

¹⁹ O termo “disparidade” tinha o objetivo de desmistificar a ideia de um par intersubjetivo na análise, descartando a reciprocidade e reconhecimento entre a dupla analítica.

²⁰ Lacan reintroduz o caminho que percorreu no seminário do ano anterior, A ética da Psicanálise (1959-60) - questionando como operar “honestamente” com os desejos. O autor questiona como preservar uma relação salubre/simple com o desejo, no sentido tomado a partir de seu retorno à Freud: estar “livre” da ideia do Bem

Safatle (2020) conota um movimento político de Lacan, a partir da escolha em tratar do tema da estrutura da transferência, também no texto da *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. Político, no sentido do enfrentamento em relação à hegemonia da IPA e aos desvios da prática analítica, denunciados à época por Lacan – culminando na proposta de uma Escola. De forma ampla o sentido político de tratar do tema da transferência decorre da perspectiva analítica de que as possibilidades de constituição de laço social, pressupõem “dinâmicas de identificação”, centrais para explicação da “dimensão produtiva do poder” – “(...) a maneira como o poder produz a vida psíquica, mobiliza afetos e demandas de amor, constituindo os sujeitos (...)” (Safatle, 2020, p. 108). Nesse sentido *tematizar* a transferência, *as noções de seu manejo e dissolução*, poderia abrir caminho para as leituras, “compreensão dos modos de abandono da dominação” e para a invenção de futuros possíveis, onde as relações de poder possam ser distinguidas de relações de dominação (Safatle, 2020, p. 118).

Para tal, faz-se necessário o constante questionamento e crítica dos agenciamentos das lógicas de saber e poder, constitutivas e constituídas a partir do laço social – discursivo – evidentemente também constituintes do campo dito psicanalítico. Ao trabalharmos o tema da transferência a partir de contextos particulares – ou seja, através da própria práxis *em coletivo* – é possível dar tratamento ao caráter idealizado a propósito da constituição do campo psicanalítico no Brasil. Conforme Birman (1997) uma espécie de promessa idealizada de um dispositivo de emancipação, como sendo um grande instrumento de transformação social²¹.

11

supremo. Lacan afirma que, como Sócrates, Freud escolhera servir-se de Eros, na verdade servi-lo para servir-se dele. E pergunta: “para o Bem do sujeito?” (Lacan, 1986/1988, p. 14). Não é o Bem do sujeito que deveria ser colocado em primeiro lugar, mas sim, precisamente seu Eros. Assim, o psicanalista relaciona a empreitada freudiana com a socrática, de forma que os dois subvertem, em alguma medida, a ordem social. Conforme Safatle (2020), pode-se notar uma conotação política da escolha pelo Banquete, ao considerar que no diálogo “Sócrates é aquele que tenta mostrar a Alcibiades como ele não será capaz de governar a cidade enquanto não for capaz de governar a si mesmo” (p. 105). O autor nos lembra que para Lacan o governo de si não concerne a uma dominação de si através de dinâmicas de controle. Mas sim estaria ligado à emergência de um resto que o destitui como sujeito. Emergência do *objeto causa de desejo*, em um ponto onde o fantasma decaiu e o sujeito foi destituído. Não iremos desenvolver sobre as noções lacanianas de “desejo de analista” e a de “objeto causa de desejo”, o que foge ao escopo do trabalho. O que nos interessa demonstrar é a restituição que Lacan oferece a respeito do tema da transferência, que conforme Parker e Pavón-Cuellar (2021) pode ser concebida como o processo pelo qual fenômenos estruturais relacionados com o desejo e o poder, se transferem de um âmbito a outro. O que detém um sentido técnico estrito em psicanálise. Foi se referindo à transferência como o processo que coloca em ato a “problemática” do arranjo da lógica amorosa do sujeito - e, portanto, a possibilidade de seu tratamento - que foi possível para Freud falar em *amor de transferência*.

²¹ Para mais informações sobre o desenvolvimento do campo no Brasil referenciamos: Lima (2021), Mokrejs (1993) e o podcast “As clínicas públicas de psicanálise no Brasil”, disponível em: <https://open.spotify.com/show/1vt5D4wVIS4uUQRn8WkISI>.

Fattori, A. C. U., Palma, L., Ferreira, M. T., & Baldini, L. J. S. (2024). Um começo, um lugar e uma seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p07.

A partir da restituição que Lacan promove acerca do tema da transferência²², consideramos possível investigar, pela via de uma especificidade ética, as condições do que nomeamos *função-analista*, a qual consideramos operar nos atendimentos oferecidos pela prática clínica do Estação Psicanálise. Ao mesmo tempo tangenciamos a problemática da *formação de analista* e as condições de possibilidade de trabalhos *em coletivo*. O que permite o enlace entre a sustentação de uma crítica ao campo, a elaboração de suas condições epistemológicas e, potencialmente, seguindo Safatle (2020), ao "redimensionamento das possibilidades da vida social" (p. 98).

A aposta que fazemos enquanto coletivo é a de que a escuta analítica através da associação livre constitui uma possibilidade de espaço e tempo para surgir algo do impossível de dizer, sem oferecer uma palavra que *tampone* a falta significante – abdicando do diagnóstico ou prognóstico daquele que fala. Escuta das formações do inconsciente, através do encontro com uma alteridade radical. O que no contexto de uma cena pública pressupõe que o analista esteja aberto e disposto ao movimento. Movimento daqueles que operam a *função-analista* e se deslocam na cidade, mas também movimentação dos pressupostos em termos da consequente elaboração teórica e das táticas possíveis para o dispositivo clínico – sendo a estratégia constante o manejo da transferência, que concebemos como práxis de uma ética.

A contrapelo da lógica de privatização em que vivemos, a aposta em fazer circular a palavra na cidade foi o que norteou o coletivo até aqui. Para além da circulação do discurso daqueles que passam pelo dispositivo – o que potencialmente opera um efeito sobre o desamparo discursivo²³ – sustentamos a circulação do discurso analítico, via crítica do *ato* que o constitui. Para além de apontar uma especificidade ética para a psicanálise, propomos uma elaboração constante a respeito da prática clínica e seus pressupostos, recolocando a questão das condições da formação clínica.

As “clínicas de borda” convocam a repensar as bases da psicanálise – e a importância da localização nos territórios, da história e geografia que se esboça a partir da economia de gozo vigente em dado tempo e lugar, constituinte e constituída de relações de saber e poder e seus agenciamentos. Dispositivos com potencial emancipatório e desafiados pelos efeitos imaginários de grupo, e pelo capitalismo avançado, onde "(...) a verdade do sujeito e de seu objeto de gozo é a do atravessamento da lei do mercado na lei do desejo. (...) Tais atravessamentos e lógica não operam sem consequências para o sujeito” (Rosa, 2016, p. 113).

²² Outro exemplo aparece no trabalho apresentado em 1958 - posteriormente publicado como *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu poder* – onde Lacan nos lembra que o analista não dirige o *analysante*, mas sim dirige o tratamento, no sentido de sustentar o respeito à técnica da associação livre (Lacan, 1998b).

²³ Conceito desenvolvido por Rosa (2002) a partir de Pujó (2000). Basicamente, trata-se da “fragilização das estruturas discursivas que suportam o vínculo social, no que rege a circulação dos valores, ideais, tradições de uma cultura e resguardam o sujeito do real” (Rosa, 2002, p. 2).

Kehl (2009) afirma que haveria um equívoco entre a demanda que se faz à psicanálise pelo apaziguamento do mal-estar e, ao mesmo tempo, a recusa que se faz à psicanálise como prática clínico-teórica, o que impõe uma outra experiência com a temporalidade e o saber. Para além de pensarmos a ética como observância de pressupostos para condução do tratamento do sofrimento psíquico, quando falamos de ética em psicanálise há um enlace com a noção de sujeito do inconsciente. Ou ainda, com a noção de inconsciente construída através do empreendimento freudiano. Conforme Rosa (2004), está implicada aí uma reflexão sobre o *desejo de analista* como condição para os dispositivos de escuta e intervenção, bem como para o questionamento a respeito do laço social. A presença do inconsciente e da transferência na cena, que podemos chamar analítica, é condição de que a *função-analista* tenha lugar, como causa desse endereçamento transferencial, que pode se dar na clínica “clássica”, mas que sabemos se dar em diversos outros contextos nas relações humanas. A marca de diferença no caso da transferência em psicanálise é o trabalho de um manejo: a *função* é operada a partir da evitação da posição de poder e dominação do outro, ou predicação da diferença. Abdicar da posição de dominação, seja pela tentativa de nomeação do “mal” que acomete o outro, ou através da encarnação de um saber a respeito de seu sofrimento.

O termo *função-analista* não serve para o apagamento da operação das demandas e desejos dos sujeitos que compartilham o campo dito psicanalítico. As lógicas amorosas e transferenciais e os preconceitos morais desses sujeitos, que um a um, ou *em coletivo*, operam uma função, afetam o campo e sua constituição, desde seus efeitos imaginários, de grupo, propriamente um campo social na psicanálise, como suas invenções e trabalhos que efetivamente operam alguma abertura para transformação e emancipação - até os impossíveis de dizer e de escutar, que por vezes são repetidos enquanto segregação no próprio campo ou em suas práticas. A questão de enfoque é ao manejo, ao tratamento que se dá às transferências, com vistas à dissolução e transformação.

Lacan, quando retomou o tema da transferência, teria dito que é preciso reconhecer que “a psicanálise exige, no seu início, um alto grau de sublimação libidinal no nível da relação coletiva” apesar de a “cela analítica” (Lacan, 1991/1992, p. 22) ser um leito de amor. Porém na situação mais falsa possível, pois a referência aqui é justamente a situação do amor no contexto social.

É na medida em que possamos estreitar mais de perto aquilo que Freud tocou por mais de uma vez, a saber, o que é, na sociedade, a posição do amor, posição precária, posição ameaçada, vamos dizer logo, posição clandestina - é nessa medida mesma que poderemos apreciar por que e como, no quadro mais protegido de todos, o do consultório analítico, a posição do amor se torna ainda mais paradoxal. (Lacan, 1991/1992, p. 22-23)

Um nome e uma seção

a ética de uma práxis – o caso fazendo coletivo e vice-versa

As primeiras discussões clínicas que ocorreram no coletivo, em 2019, eram feitas mais ou menos do seguinte modo: escolhia-se uma pessoa atendida - propomos chamar as pessoas atendidas pelo coletivo de *passageiros* – e aqueles e aquelas que tinham a atendido diziam como tinham sido os atendimentos e teciam alguns comentários, primeiras impressões, afetações... Depois da discussão dos atendimentos de uma passageira na qual apareceram diferentes hipóteses diagnósticas quanto à estrutura, ou tipo clínico, e da questão de como se dá um caso que é atendido por diversas pessoas, uma das integrantes apontou que o modo como se estava conduzindo aquelas discussões acabava por favorecer discursos imaginários, o que fazia com que algo da escuta dos atendimentos se perdesse, não construindo, assim, um caso clínico. Passamos, então, a fazer uma seção clínica, aos moldes do dispositivo criado por Lacan em sua Escola. É preciso sublinhar que a questão que se colocava – e ainda se coloca – era a de como se constrói um caso coletivamente, ou um caso em coletivo.

O funcionamento da seção clínica tem se dado da seguinte maneira: alguém sugere uma pessoa que foi atendida – pode ser alguém que vai regularmente aos atendimentos ou alguém que foi uma única vez ou, também, alguém que é atendido por um único analista. Aqueles e aquelas que atenderam tal passageiro escolhem um analista que não o atendeu – pode ser alguém de fora do coletivo, inclusive – a quem endereçam os escritos que se produzem a partir dos atendimentos. Esse outro, esse terceiro, é o comentador. *A partir do que lê* nos textos que recebe, o comentador produz um comentário escrito e a discussão se dá em torno do que é *escrito*. Assim, nomear “passageiros” aqueles que são atendidos pelo coletivo toca também neste ponto: o que do dizer desses passageiros passa pela escrita. Costa (2001) nos indica que:

Passagens situa privado/público, dentro/fora, inanimado/animado, coisa/nomeação, reconhecimento/nome... enfim, poderia fazer-se uma lista. (...) Todos evidenciam a dificuldade inerente à referência de nosso lugar nesse mundo (...). Essas dualidades não são dispensáveis e a dialética não as supera. O significante, num percurso de análise – é isso que nos ensina a psicanálise –, pode transpô-las. (p. 39)

Isso nos leva ao que sustenta uma seção clínica e ao que sustenta esse dispositivo. Trazemos aqui alguns pontos a partir de Lacan (1977/1992), em sua *Abertura da Seção Clínica*, como por exemplo uma certa definição da clínica analítica: “O que é a clínica psicanalítica? Não é complicado. Ela tem uma base – É o que se diz em uma psicanálise” (p. 1). Em seguida, ele fala do divãnear (*dire-vent*) analítico e como esse vento possui um valor próprio: “(...)

quando se peneira há coisas que pairam no ar” (p. 1). Isso que faz peneira é o que se lê do que se escreve do caso. Portanto, o que sustenta a seção clínica é a escrita. É possível pensar já com Freud uma articulação entre inconsciente e escrita. Seu modelo do aparelho psíquico é de um aparelho de *inscrições*. Traços das experiências se inscrevem no psiquismo formando uma memória – traços mnêmicos –, vias de satisfação que serão tomadas preferencialmente nos deslocamentos da libido. A partir disso, Lacan pode dizer que o inconsciente é o que se escreve.

Duas precisões são necessárias neste ponto, uma sobre o que Lacan entende por escrito e outra sobre o “o que se escreve”. Lacan localiza o escrito como algo mais próximo do real, “aquilo que permanece inapreensível na fala” (Soler, 2009/2020, p. 125); inapreensível por ser justamente o que toca algo do gozo que atravessa e direciona a cadeia significante na qual o sujeito – enquanto efeito do significante – circula. Gozo para o qual não há um saber apreensível que o totalize, que o unifique. Ocorre que esse atravessamento deixa suas marcas, seus traços, o que nos remete ao aparelho psíquico constituído por seus traços mnêmicos, retomado acima. Sobre o “o que se escreve”, Soler (2009/2020) precisa que se trata do que “vai se escrevendo” no *work in progress* do analisante. Com efeito, com o ‘o que se escreve’ não estamos apenas no registro do ‘estava escrito’ que faria destino, nem mesmo do ‘isso está escrito’” (p. 134). Trata-se, portanto, do que vai se escrevendo na operação analítica que, assim, pode ser pensada como uma operação de leitura; leitura desses traços singulares que restam do que se diz.

Um psicanalista que estava presente na ocasião de tal *Abertura*, Marcel Czermak, fez uma questão em torno da clínica e sua transmissão. Mencionou uma nota de Lacan que havia circulado anteriormente na qual ele relacionava a clínica e o real dizendo que “a clínica é o real enquanto ele é o impossível de suportar” (Lacan, 1977/1992, p. 7), em seguida falou sobre a diferença entre o simbólico, enumerável, e o real, “muito mais dificilmente enumerável”, e, então, perguntou: “Como, então, pode a clínica ser objeto de uma transmissão?” (p. 8). Questão crucial. A resposta de Lacan parece não ter nada a ver com a pergunta, já que ele começa a falar do nó borromeano e as relações entre os registros nele nomeadas. Porém, arriscamos uma hipótese: os nós borromeanos com os quais Lacan trabalha seriam uma escrita, visto que ele insiste que para trabalhar com o nó é preciso planificá-lo. Então, a resposta de Lacan à questão de como pode se transmitir a clínica psicanalítica passa pela escrita. A partir disto, a leitura “é, então, própria da psicanálise, não porque a psicanálise realize a relação entre escrito e leitura (...), mas porque é o que não se escreve que causa a leitura, o inconsciente como o que se lê” (Lemos, 1998, p. 26). O que resta como enigma na fala do analisante em transferência.

Entendemos que a referência aqui se localiza no que se lê de uma fala. Lacan abre o *Posfácio ao Seminário 11* com a frase: “Assim se lerá” (Lacan, 2001/2003c, p. 503). Assim se

lerá o que foi seu dizer ao longo do seminário. O que se lê de uma fala passa, transmite-se pela escrita. Em outros termos, é no que se escreve de uma fala que se lê o que a sustenta. Na seção clínica, ao produzir um escrito a partir de outros escritos, o comentador depura, decanta algo que cai – por isso seção, com ç, de seccionar, fazer corte – desses escritos e que constitui o caso em questão. A seção clínica é uma aposta no fato de que isso que do inconsciente se escreve se transmite numa operação de leitura.

Colocamos, ainda, uma especificidade que diz respeito ao funcionamento de nossa prática clínica. Comumente, a seção clínica permite a depuração de um caso que é atendido por um analista, mas no coletivo *Estação Psicanálise* ela tem também a função de construir um caso que é coletivo, visto que há uma rotação de analistas a cada sábado. Assim sendo, o público de uma seção clínica, os outros analistas, que funcionam como um quarto termo, tem um papel fundamental, já que também participam das transferências endereçadas ao coletivo e, inclusive, podem vir a atender tal passageiro em algum momento. Dessa maneira, o que cai do caso se coletiviza e as reflexões e escolhas em torno da direção do tratamento podem ser feitas coletivamente, não só entre aqueles e aquelas que atenderam tal passageiro e o comentador.

Mais uma vez, o analista é tomado radicalmente como função. O comentador pode ler o que se escreve do que diz o passageiro, um tanto independentemente de quem ocupa o lugar de analista nos atendimentos que se seguem. Dizemos “um tanto” porque, claro, há algo da transferência que vai elegendo alguns significantes e traços de certos analistas do coletivo para um dado passageiro, mas é possível recolher a partir das seções clínicas realizadas como o que está em causa para aquele sujeito se repete, insiste e é endereçado a quem sente na outra cadeira diante dele num sábado de manhã. Assim, pode-se dizer que há *presença de analista* no dispositivo de atendimento do coletivo *Estação Psicanálise*.

16

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade de nosso coletivo e através dessa experiência com a *seção clínica*, perguntamo-nos sobre a construção de caso clínico. Interrogamos e tratamos sobre como encaminhar a direção do tratamento das pessoas que escutamos e, ao mesmo tempo, trabalhamos as questões evocadas pela prática. Por isso consideramos pertinente colocar mais uma questão: a construção dos casos clínicos constitui coletivo de analistas? Questão que se impôs em uma das seções clínicas, e que é o seguimento do trabalho com a transferência. Questão que segue sendo investigada, em ato, através do desenvolvimento desse trabalho *em coletivo*.

A noção de construção²⁴ ajuda a pensar a dimensão de como os fragmentos das cenas de escuta, das seções clínicas e das atividades que estão envolvidas nesse trabalho compõem o caso *coletivo Estação Psicanálise* e dizem respeito aos restos de processos transferenciais com a psicanálise, entre os integrantes do trabalho e com os *passageiros analisantes* da Estação.

Fragmentos que do ponto de vista da construção dos casos clínicos, nos dão uma via de particularização do caso. O que pressupõe ser uma “conjectura ou ficção” que acolha o maior número de elementos do caso. Construção da dimensão de verdade a respeito do caso clínico, tomando a verdade enquanto estrutura de ficção²⁵. Nesse sentido apontamos para o “particular” que constitui um caso, o que faz com que o dispositivo da seção clínica seja proveitoso no sentido do tratamento aos efeitos imaginários, que concorrem através da rede de fragmentos transferenciais do caso “particular” do coletivo Estação Psicanálise²⁶.

Portanto através de uma suposição de saber sobre a verdade do caso clínico, nos deparamos com a destituição desse saber suposto, “não pela simples constatação da ignorância do analista ou pela ineficácia do discurso analítico, mas pela emergência da circulação de um objeto que sustentava a relação e que esteve, até então, velado” (Safatle, 2020, p. 111). O que nos dá uma via para pensar a própria construção do caso clínico como o “singular” que irrompe da economia libidinal do sujeito - o caso -, uma articulação e construção do próprio processo analítico, em que há um limite do que é comunicável, mas que poderia ser passível de transmissão no sentido do manejo da transferência.

Através da produção de uma particularização via a construção do caso clínico, nos questionamos a respeito da própria construção do trabalho *em coletivo*, que é o suporte para a práxis de uma ética. Ética que em sua radicalidade é distinta do exercício de um poder e de

²⁴ Aqui podemos referir à *noção de construção* em psicanálise, que conforme Dunker, Paulon & Milán-Ramos (2017) é um conceito-limite criado por Freud para dar conta daquilo que em uma análise não pode ser lembrado. Limite de um programa clínico baseado na reconstrução de experiências traumáticas esquecidas, e conceito limite também no sentido de permitir que a psicanálise se conecte com outros discursos (p. 89-90). Através dessa questão esboçada no texto, seguimos elaborando sobre como a noção de construção do caso clínico pode ser constituinte desse trabalho *em coletivo* e como isso se articula com a radicalidade ética que concebemos para a escuta analítica, conforme previamente esboçado.

²⁵ Conforme as elaborações de Jacques Lacan. Referenciamos: Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. (Vera Ribeiro Trad.). Zahar (Trabalho original publicado em 1998).

²⁶ Até o presente momento dessa elaboração, nos aproximamos de algumas ideias apresentadas por Dunker, Paulon & Milán-Ramos (2017), quando abordam a noção de construção em Freud e a formalização em Lacan: “Vemos, assim, que o conceito de construção nos remete à ideia de escrita, e esta nos conduz ao que Lacan chama de Real. A construção está para Freud assim como a escrita e formalização estão para Lacan. (...) o conceito de construção inclui os próprios ato, hipótese ou ilação sobre o objeto estudado como parte desse objeto e os efeitos do método sobre os próprios princípios do método, tal qual a noção psicanalítica de transferência.” (Dunker, Paulon & Milán-Ramos, 2017, p. 102).

um saber, e que tem como horizonte a dissolução da transferência. A emergência de um gozo que não se *escreve*²⁷.

Ao acompanhar Safatle (2020) em seus desenvolvimentos a respeito da questão de que tipo de experiência de organização social a psicanálise é solidária, nos deparamos com outra questão: “como fazer reconhecer um gozo do qual a linguagem não quer e parece não poder nada saber?” (p. 151). Com ela, seguimos a aposta no trabalho com os significantes como processos de abertura para as formações do inconsciente. Abertura de escuta do arranjo que se produz a partir da *hiância* constitutiva, o que se apresenta como um (re)achado que está prestes a escapar de novo, sendo a descontinuidade a forma essencial com que a dimensão inconsciente aparece no caminho da descoberta de Freud (Lacan, 1973/1985). Descontinuidade que se apresenta a nós, supostos analistas, a cada sábado de atendimento - a cada (des)encontro com o coletivo.

REFERÊNCIAS

Ab'saber, T. (2021). A clínica aberta e o analista grupo: suas transferências e o comum. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, 24(4), 501-511. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p501.1>

Agamben, G. (2005). O que é um dispositivo. *Revista Outra Travessia*, (5), 9-16.

Birman, J. (1997). Nem sempre o meu francês é tão gostoso assim. In L. A. V. Santos (Org.), *Psicanálise de brasileiro* (pp. 27-32). Taurus.

Costa, A. M. M. (2001). Passagens. *Literal*, (4), 39-46.

Dunker, C. I. L. (2019). Uma exceção no mundo. *Revista Cult*, 20-24. <https://revistacult.uol.com.br/home/psicanalise-brasil-excecao-no-mundo/>

Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2017). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas* (2 ed.). Estação das Letras e Cores.

²⁷ Nesse sentido, nos aproximamos da noção de gozo em Lacan, que é sistematizada após o seminário *A ética da psicanálise*, para o “uso clínico de dinâmicas ligadas à dimensão do Real, ou seja, dinâmicas que não serão objeto de processos de simbolização, verbalização e rememoração no interior da clínica” (Safatle, 2020, p. 57-58). O autor ainda nos lembra que no contexto após os acontecimentos de maio de 1968, Lacan faz do gozo um conceito fundamental para uma estratégia de crítica social psicanaliticamente orientada.

Fattori, A. C. U., Palma, L., Ferreira, M. T., & Baldini, L. J. S. (2024). Um começo, um lugar e uma seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p07.

Fernandes, M., & Lima, R. A. (2019). Psicanálise para quem? In E. Danto, *Clínicas Públicas de Freud* (M. Goldsztajn Trad., pp. 457-463). Perspectiva.

Fingermann, D. (2015). Amar adentro. *Stylus*, (30), 103-110. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000100010

Freud, S. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud (2010). *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. (P. C. de Souza Trad., pp. 168-176). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).

IFCH-Unicamp (2023, 21 de março). *Psicanálise e política, o ato analítico, com Vladimir Safatle (USP)* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=MHXp4Nu-7IU>

Katz, I., & Broide, E. (Orgs.). (2019). *Psicanálise nos espaços públicos*. IP/USP.

Kehl, M. R. (2009). *Sobre Ética e Psicanálise*. Companhia das Letras.

Kupermann, D. (2014). *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (2a ed.). Escuta.

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).

Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (A. Quinet Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1986).

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência* (D. D. Estrada Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1991).

Lacan, J. (1992). Abertura da seção clínica. In J. Lacan, *Traço, O*. (Trabalho original publicado em 1977).

Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro Trad., pp. 238-324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Fattori, A. C. U., Palma, L., Ferreira, M. T., & Baldini, L. J. S. (2024). Um começo, um lugar e uma seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p07.

Lacan, J. (1998b). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro Trad., pp. 591-652). Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, J. (2003a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro Trad., pp. 248-264). Zahar. (Trabalho original publicado em 2001).

Lacan, J. (2003b). O ato psicanalítico. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro Trad., pp. 371-379). Zahar. (Trabalho original publicado em 2001).

Lacan, J. (2003c). Posfácio ao Seminário 11. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro Trad., pp. 503-507). Zahar. (Trabalho original publicado em 2001).

Lemos, M. T. G. de (1998). Ler é uma Barra. *Literal*, 0, 24-26.

Lima, R. A. (2021). *A psicanálise da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985): história, clínica e política*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.47.2021.tde-12082021-220350>

Mokrejs, E. (1993). *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Vozes.

20

Oliveira, L. E. P. (2022). *Anos loucos: Histórias da psicanálise às margens dos anos 1920. Seguido do Diário de Sophie Halberstadt-Freud*. Autêntica.

Parker, I., & Pavón-Cuellar, D. (2021). *Psicoanálisis & Revolución – Psicología Crítica para Movimientos de Liberación*. Pólvora.

Perez, D. O. (2009). A Psicanálise como experiência ética e o problema da cientificidade. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 9(4), 1203-1232. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400007

Pujó, M. E. (2000). Trauma y desamparo. *Psicoanálisis y el hospital*, 17, 20-29.

Rivera, T. (2019). Uma psicanálise do outro. *Revista Cult*, 16-19. <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-psicanalise-do-outro/>

Fattori, A. C. U., Palma, L., Ferreira, M. T., & Baldini, L. J. S. (2024). Um começo, um lugar e uma seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p07.

Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das Vidas Secas. *Revista de Psicanálise Textura*, (2), 42-46. <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/33-rosa-m-d-uma-escuta-psicanalica3adtica-das-vidas-secas-textura-sc3a3o-paulo-sc3a0o-paulo-v-2-n-2-p-42-47-2002.pdf>

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 2(2), 329-348. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008

Rosa, M. D., Berta, S. L., Carignato, T. T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, 12(3), 497-511. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000300006>

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>

Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta/Fapesp.

21

Rosa, M. D., Estevão, I. R., & Braga, A. P. M. (2017). Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em Estudo*, 22, 359-369. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i3.35354>

Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Autêntica.

Soler, C. (2020). *O inconsciente: o que é isso?* (2a ed., D. Fingermann Trad.). Zagodoni. (Trabalho original publicado em 2009).

Recebido em: 01/04/2024

Reapresentado em: 28/07/2024

Aprovado em: 23/08/2024

Fattori, A. C. U., Palma, L., Ferreira, M. T., & Baldini, L. J. S. (2024). Um começo, um lugar e uma seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p07.

SOBRE OS AUTORES

Ana Claudia Ubinha Fattori é membro do coletivo Estação Psicanálise (2019-), que constrói uma prática clínica no espaço público da cidade de Campinas-SP. Mestranda do PPG em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (2024-) e integrante do FCL-RMC - Fórum do Campo Lacaniano (em formação) da Região Metropolitana de Campinas (2021-). Analista em formação contínua, pela transferência de trabalho com diferentes espaços de transmissão da psicanálise freudiano-lacaniana, através do questionamento e construção das condições da prática clínica, da elaboração teórica e da transmissão.

Lucas Palma é psicólogo graduado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Mestrando em linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp). Membro associado da Tykhe Associação de Psicanálise.

Marta Togni Ferreira possui Graduação em medicina pela FCM-Unicamp, residência médica em psiquiatria, com extensão em psiquiatria da infância e adolescência pela FCM-Unicamp, formação em psicanálise na Escoa de Psicanálise de Campinas, membro-fundador da Tykhe Associação de Psicanálise, integrante do coletivo Estação Psicanálise de Campinas.

Lauro José Siqueira Baldini é Docente do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. É membro fundador do Centro de Pesquisa PoEHMaS (Política, Enunciação, História, Materialidades, Sexualidades), líder do Grupo de Pesquisa PsiPoliS (Psicanálise, Política, Significante), e pesquisador do Grupo de Pesquisa Mulheres em Discurso (MulherDis). É membro fundador e um dos coordenadores do Coletivo Estação Psicanálise. É membro-fundador do Fórum do Campo Lacaniano da Região Metropolitana de Campinas (FCL-RMC).